

**BREVES ESTÓRIAS SOBRE O TUDO E O NADA  
E O QUASE FIM DO MUNDO**



**Dalton Miranda**

**BREVES ESTÓRIAS SOBRE  
O TUDO E O NADA E  
O QUASE FIM DO MUNDO**



Brasília-Brasil, 2012

*Copyright* © Dalton Miranda, 2012

LER Editora Ltda.  
SIG Quadra 04 Lote 283 – 1º Andar  
Tel.: (61) 3362-0008 – Fax: (61) 3233-3771  
lgeeditora@lgeeditora.com.br  
www.lgeeditora.com.br

Editor  
Antonio Carlos Navarro

Projeto gráfico e capa  
Samuel Tabosa

Impressão e acabamento  
LER Editora Ltda

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação  
poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio  
sem a autorização por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Miranda, Dalton

Breves histórias sobre o tudo e o nada e o quase fim do mundo.  
Dalton Miranda . – Brasília: LER Editora, 2012.

52 p. 12,5 x 17,5 cm.

ISBN

1. Literatura, Brasileira. 2. Contos. I. Título.

CDU 82-34

---

## **Dedicatória**

*Às Bragas Cordeiro de Miranda,  
meus amores, minhas vidas*



## **BREVE I**

Qual a semelhança entre a nadadora grande e o grande nadador?

Um potinho de xixi.

E a diferença entre os grandes?

Uma medalha olímpica

## **BREVE II**

Um *tirinho* de espingarda: – um passarinho

Uma bala perdida: – um inocente

Um carro-bomba: – um prédio e várias vidas

Matemática final: + + + + + + + + +



## **BREVE III**

Um  
Dois  
Três  
...?

## **BREVE IV**

Tenta o tento

Tanto o tonto

Pouco atento

Com o passar do tempo

## **BREVE V**

O começo (do namoro) é difícil  
Durante (o casamento) é difícil  
O rompimento (a separação) é difícil  
Viver sem Você, sim, é impossível.

## **BREVE VI**

Foram criados para estudar  
Na Universidade vão passar  
Lá, descobriram que o bom era 'apertar'  
Sem a polícia a lhos vigiar.

## **BREVE VII**

100 frescuras, Você diz

70, mas não resolve

Então, 60, mas não descansa

10 mentir a certeza numérica é tema que nos envolve

## **BREVE VIII**

Helicópteros, casas e carros oficiais

Amigos, lobistas, empresários

Políticos profissionais

É a democracia, estúpido!

## **BREVE IX**

Marcha, pode! Fumar, não?

Marcha, pode! Publicitar, não?

Ué? Marcha, fumar, marcha, publicitar, ... .

Não entendi!

## **BREVE X**

Gula, puta

Putá, gula

No pico da agulha

Curta e engula



## **BREVE XI**

Arar

Preparar

Semear

Colher ... e ... Comer

## BREVE XII

- Filha da puta? Chamou um
- Filha da puta? Gritaram outros tantos
- Filha da puta? Esbravejaram muitos, tentando chamar a atenção

Mas, a garotinha na soleira do puteiro nem *deu bola* para a molecada

## **BREVE XIII**

– Alô?

– Alô!

– Alô?

... tutututututututu

## **BREVE XIV**

Ao fim do show a *popstar* agradece a massa:

– Vocês são do caralho ... uhu

A pequenina em frente à TV vira-se para a mãe e solta: – Mãe, o que é caralho?

– É pinto, secamente responde a mãe

– Hum, vocês são do pinto?! Coisa estranha pensou a menina

## **BREVE XV**

A verdade dói  
A mentira corrói  
O corpo sente dor  
A alma está no corredor

## **BREVE XVI**

Sangue nos olhos

Punhos cerrados na altura dos joelhos

Suor frio

É tudo ou nada, hei de *cagar*

## **BREVE XVII**

Perdoar é divino  
Desculpar é humano  
Perdoo a todos, desculpo poucos  
Eis minha redenção

## **BREVE XVIII**

O 'pedreiro' corta a pedra  
Assenta-a e a queima  
A fuga é rápida  
Daí e voltar a construção do fim



## **BREVE XIX**

Tem de pastar muita grama

*Pra* levantar uma grana

Vendendo alguns gramas

*Pro* um monte de sacanas

## **BREVE XX**

A curiosidade que te incendeia

A mim chateia

Pouco faço da vida alheia

Ou assim finjo para não me enredar na tua teia

## **BREVE XXI**

Timidez o cacete  
Turrão e malcriado  
Um babaca  
Que não valho uma pataca

## **BREVE XXII**

A carola reza por ela  
E peca por todos  
Pia e fervorosa  
Peca desavergonhada e fogosa

## **BREVE XXIII**

O velho faz a mão-boba percorrer a cintura da moça  
Ela resigna-se a lançar um sorriso maroto  
Vira daqui, vira acolá, ajeita-se com carinho  
Pronto, finda a troca da fralda geriátrica

## **BREVE XXIV**

- Perdeu, perdeu!
  - A casa caiu!
  - *Pro* chão, *tá* tudo dominado!
- É a polícia ou *os* ladrão?

## **BREVE XXV**

Roer as unhas (é ansiedade)

Esfregar os olhos (é conjuntivite)

Coçar o nariz (é droga ou meleca)

Que nada, isto é ... TRUCO!

## **BREVE XXVI**

0800, já fizestes um?

Digite “X”, tecle “Y”, ressoa a voz mecânica

Fale com Ciclano, mas quem resolverá é Beltrano

Quanta aporrinhção para – ao fim e a cabo – ouvir  
um sonoro não



## **BREVE XXVII**

Só ganha quem joga  
Somente perde quem um dia conquistou  
Perde e ganha. Vitória e derrota  
Eis o *jogo jogado* da vida

## **BREVE XXVIII**

Beijo na boca é *bão*  
Mão naquilo, aquilo na mão, opa oba!  
*Fornicação* com finalização, melhor ainda  
Sem pudor e com (muito) amor

## **BREVE XIX**

Quem foi?

Fui eu!

Fizestes o quê?

Sei não!

## **BREVE XXX**

A manga (da camisa)

A manga (do lampião)

A manga (a fruta)

Diferenças da mesma

## **BREVE XXXI**

?

,

!

.

## **BREVE XXXII**

Uma boa alimentação horas antes

Alongamento minutos antes

Meditação com foco segundos antes

E: – Pronto *pra* dormir?

## **BREVE XXXIII**

*Eita escuridão*

Escuro? Escuro?

Pensa, pensa, será sonho ou passou desta para melhor

Porra, esqueceu mais uma vez da mascara de dormir

## **BREVE XXXIV**

Seis

Três

Quatro

E continuo jogando os dados



## **BREVE XXXV**

*Uai vai, e Por que sim vem.*

*Uai foi, e Por que sim volta.*

O matuto não entendia o gringo com aquela prosa danada.

N'um *preguntava* e o alienígena só lhe respondia

*Por que sim*

## **BREVE XXXVI**

Foi até a esquina comprar cigarro

E voltou

Pulou do penhasco

E voou

## **BREVE XXXVII**

Está faltando tinta na caneta  
E ideia na cabeça  
Flutua a pena no papel com ligeireza  
Até que a cousa boa lhe pareça

## **BREVE XXXVIII**

Fotografou?

O trem já passou

Gracejou?

A dama com outro já dançou

## **BREVE XL**

Este de fato foi breve  
Mais breve do que esperava  
Tão breve que nem se sentava  
Fica aqui um até breve



## O QUASE FIM DO MUNDO

Nossa estória se passa em Nova  
Terra árida de lábios secos e almas úmidas  
D'um povo triste e sabedoria angular  
De homens doces e mulheres brutas  
Que cabisbaixos seguiam devagar

Mas um dia o profeta gritou que novos tempos  
*arrudiavam* trás dos montes  
De fartura e alegria, após o sacrifício que o povo  
vivenciaria  
Após ferrenha disputa a luz do dia

E assim seguiu a massa de Nova sua sina  
Orando junto das beatas  
Sacando água do fundo sujo da mina

O sol pretejou, as nuvens acinzentaram  
Os homens choravam  
Enquanto as mulheres os facões amolavam  
Fio a fio

Gritos se silenciaram ao redor  
Sussurros se ouviram ao longe  
O profeta ajoelhado levava as mãos da poeira ao rosto  
Do rosto ao chão  
Estava tomado

O padre – e havia um – corria ao redor da igreja com  
a mitra queimando no incensório  
Rogava a Deus e a todos os santos  
Pelo povo e pela própria pele a redenção com salvação  
Estava domado

Um alvoroço ainda maior se deu  
Um corre-corre sem fim  
Quando do rabo do redemoinho  
Apareceu o coisa ruim

Todos arderam com o bafejado quente  
Os próximos e os distantes  
As mulheres de cócoras se meteram  
Os homens nem se mexeram



Parado, com um sorriso cortante  
O cramunhão no meio da praça a tudo assistia  
Os crentes excomungou  
Dos outros ninguém mais falou

Quando estava para decretar o juízo final daqueles  
despreparados  
E a tampa do caldeirão do inferno abrir  
Eis que uma voz miúda ao fundo se fez ouvir

Era Zé que ao belzebu se dirigia  
Troçando-o com uma rima  
Cocho foi ao encontro do chifrudo  
Disposto a acabar com aquilo tudo

As reses ficaram cantarolando salmos ao bater de pé  
Atônitas ao teatro da vida que se desenrolava  
O capeta estaca fincou e prometeu a todos arrastar  
Principalmente o manco Zé

Como n'um filme de bandido e mocinho os duelistas  
agora se fitavam  
Cada qual com suas armas  
O vermelho a rabiscar os pecados de Zé na caatinga  
com suas unhas  
Zé com sua língua fria cheia de mumunhas

Cada qual desfiou seu rol de odiosas e escandalosas  
Mas o duelo foi Zé quem venceu  
Cuspindo salivas venenosas

Quando o povo já dava por certo o fim e celebrava  
Eis que o chão se abre aos pés de Zé  
Que é tragado aos confins do mundo  
Pois que era pecador moribundo

Nova renasceu  
E o diabo naquelas paragens nunca mais apareceu  
Do Zé, anti-herói dos fins dos tempos, pouco se fala  
Ou se deu

Mas uma lenda ainda se assovia entre os anciões  
A de que o Zé, em tarde de ventania  
É visto em Má companhia  
Cantarolando rimas cheio de alegria

É (quase) o fim!





Em apoio à sustentabilidade à preservação ambiental, a LER Editora declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas não degradadas e que é inteiramente reciclável.